

# DA SOLEDAD CASTELHANA À SAUDADE PORTUGUÊSA

Prof. Silveira Bueno  
Universidade de S. Paulo

Em 1593, Don Juan de Silva y Meneses, com o orgulho próprio dos vencedores, negava aos portugueses a mais bela joia do seu vocabulário — a Saudade — que em tudo achava, absolutamente, igual à soledad castelhana: “Yo soy tan grosero que ninguna (diferencia) hallo (entre saudade y soledad) afuera de las letras con que se escriben, como entre la “enveja” y la “invidia”. Ha nesta pequena e errada afirmação do fidalgo espanhol um longo e muito interessante problema de psicologia popular. Levam-nos às suas raízes os primeiros séculos do cristianismo, quando os padres aceleravam a transformação da expressão clássica de Roma pela adoção procuradamente preferida do latim popular. Já na pena temível e pugnacíssima de Tertuliano, o clássico *solitudinem* fora substituído pelo plebeu *solitatem*. Em seu livro *Adversus Valentinianos* empregara *solitatem* no significado de segregação, para expressar aquele estado em que se encontra alguém sozinho, separado das multidões.

Na península ibérica, a mesma palavra latina de Tertuliano evolui normalmente em *soledad* com o mesmo significado de solitude, de ermo, de lugar vazio de rumores. Quando a sonora língua galego-portuguêsa era o idioma do amor e da galantaria, fez de *soledad* *suidade*, conservando-lhe, a princípio, o mesmo significado objetivo que já se encontrava em *solitatem*, em *soledade* significado que ainda vamos achar no Cancioneiro de Baena e até em um dos sonetos de Camões. Neste sonha o poeta com a amada morta e a vê numa solidão:

quanto mais corre para falar-lhe, tanto mais dele se afasta a querida ausente:

“Quando de minhas mágoas a comprida  
Maginação os olhos me adormece,  
Em sonhos aquela alma me aparece  
Que para mim foi sonho nesta vida.

Lá numa **soidade**, onde estendida  
A vista por o campo desfalece,  
Corro após ela; e ela então parece  
Que mais de mim se alonga, compelida.

“Brado: “Não fujas, sombra benina!  
Ela, os olhos em mim co’ um brando pejo,  
Como quem diz que já não pode ser,

Torna a fugir-me. Torno a bradar: **Dina**...  
E, antes que diga **mene**, acordo, e vejo  
Que nem um breve engano posso ter.

(Lirica-son. 118-Ediç. Maria Rodrigues)

Se até aqui houve, realmente, identidade semântica entre *soledad* e **soidade**, pouco a pouco se vai operando a diferenciação de significado que terminou por interpor entre ambos os vocábulos intransponível abismo. Quando a alma perpetuamente enamorada dos portugueses começa a aperfeiçoar-se no trato urbano das cortes, nas viagens de ultramar, afinando os seus sentimentos pelas gentilezas de bem trovar, em todas as composições líricas, já principia a tocar-se a **soidade** desse halo inexplicável de subjetivismo e a primitiva significação de *soledad* já se nimba dessa tristeza consolada de quem sente um bem perdido, mas, se compraz em assim sentir. E’ Nunes Eannes Cerzeo quem sente **soidades** das terras que vai deixar:

“Pero das terras averei **soidade**  
Por quanto ben vi eu en elas já...

aparecendo aqui o tom subjetivo, espiritual por assim dizer: sente **soidade** das terras não porque fossem elas desertas ou abandonadas, mas sim pela felicidade que aí gozou e vai perder... **por quanto ben vi eu en elas já!** Dom Dinis, o mais alto valor de inspiração trovadoresca, simboliza na mulher a **soidade**, como bom português perpetuamente apaixonado—

“Que **soydade** de mia senhor ey!”

E já na pena de Pero Larouco a confissão muito moderna de que não morrerá de saudades da amada se não puder vê-la mais:

“De vos, senhor, quer’eu dizer verdade:  
e nom já sobr’amor que vos ey,  
senhor, é bem en a tropidade  
de quantas outras en o mundo sey,  
assy direy como de puridade  
nom vos vence oje senom filha d’un rey,  
nem vos amo, nem me perderey  
hu vos nom vir por vós de **soydade**”.

(Vatic. 214)

Muito mais interessante que todos estes já citados, tipo do poeta brasileiro é esse trovador medieval Johan Zorro que, imitando as apreensões da formosinha, fá-la sentir **soydades** de um fato que ainda nem sequer acontecera:

“Mete el-rey barcas no rio forte;  
quem amigo há, que Deus lh’o amostre;  
a la vay madre,  
e oje ey **suydade!**”

(Vatic. 758)

Bem sabia a namorada moça portuguêsã que, quando elrei preparava as suas naus para as expedições, lá se iam os jovens e talvez nunca mais voltassem. O seu amado ainda não fora nem sequer convocado, mas o coração presago já sentia a separação, a desolação deste adeus. Já estamos bem longe daquele simples ermo, daquele simples lugar despovoado de gente, vazio de rumores de que falava a **soledad** castelhana e,

nos primeiros tempos, a **soidade** português. O elemento subjetivo, a dor íntima do coração que sofre por se ver sòzinho, já encheu completamente o vocábulo, arrancando-o da terra para fazê-lo pairar nessa atmosfera que é mais do céu, aquela região onde vivem os nossos sentimentos, onde flutuam as nossas mais queridas recordações.

Neste final da idade-média quando os descobrimentos preparavam os esplendores do Renascimento, esplendores que se compunham das amarguras dos que para sempre mergulhavam no Mar-Oceano, Gil Vicente e Sá de Miranda, simbolizando a união que literariamente já havia entre o português e o castelhano e que dentro de alguns anos seria união política entre Castela e Portugal, tomaram a palavra **soledad** e, momentaneamente, lhe emprestaram a alma da **saudade** português. Em “Dom Duardos”, quando os amantes se separam, aparece a recordação do bem perdido na **soledad** que não abandona o coração do herói:

“Veníos acostar, señora,  
**Soledad** tengo de ti,  
O tierras donde naci!

Pues acuerdesete, Amor,  
Que recuerde, mi señora,  
Que se acuerde  
Que no duerme mi dolor,  
Ni **soledad** sola un hora  
Se me pierde.”

O bardo do Neiva e outros colaboradores do Cancioneiro Geral de Garcia de Resende assim empregaram **soledad** com a alma emprestada da **saudade** português nesse período de união literária, predecessora da união política e governamental. Quando, porém, se voltou a formar a consciência nacional e desde a língua até o princípio tudo devia ser positivamente português e não castelhano, até na forma fonética da velha **soidade** ou **suidade** se positivou esta diferenciação, surgindo em todo o seu esplendor o mais belo vocábulo do nosso idio-

ma — a **saudade**! Já agora não há mais aquela semelhança que entre **soledad** e **soidade** havia e muito menos entre o que aos nossos sentidos nos dizia **soledad** e o que significa **saudade**. Cavou-se entre ambos um intransponível abismo. A **soledad** castelhana, tão frequentemente substituída por **solitud** e **soledumbre** permaneceu objetiva, apegada à terra, enquanto a **saudade** portuguesa se alou às regiões impalpáveis dos sentimentos que não se explicam, vivamos embora no tumulto das grandes capitais onde o bulício humano não nos impede de sentirmos **saudade** de um rosto amado, de uma época desfeita, de uma perdida alegria e até, paradoxalmente, de uma dor longamente suportada quando se teve em mira um pouco de felicidade.

Para Dom Francisco Manuel de Mello a **saudade** é tão espiritual que basta para provar a nossa imortalidade: “he (a **saudade**) legitimo argumento da immortalidade de nosso espiritu por aquella muda illação que sempre nos está fazendo interiormente de que, fóra de nós ha outra cousa melhor que nós mesmos com que nos desejamos unir.” Em português, quando queremos indicar um lugar solitário, silencioso, empregamos a palavra **soledade**; nunca, para tais casos, usamos o vocábulo **saudade**. Esta, se aparece em topónimos, encerra sempre uma relação sentimental com algum fato triste: em Campinas (S. Paulo) a avenida, que leva ao cemitério, chama-se “Avenida da Saudade”. Em nossos jardins, reservamos a cor roxa para com ela revestir a melancólica flor da **saudade**. Enquanto é comunissimo dar-se, em espanhol, o nome de **Soledad** a pessoas: Maria de la Soledad, Juana de la Soledad, — em português a ninguém conhecemos que se chame Maria da Saudade, Joana da Saudade. Conhecemos, sim, uma aluna que se chamava Saudade de tal, mas este prenome lhe veio em memória daquela que, dando-lhe a vida, morreu instantes depois.

Como poderia afirmar Don Juan de Silva y Meneses, em 1593, que nenhuma diferença encontrava entre a **soledad** castelhana e a **saudade** portuguesa? O subjetivismo desta, que já era muito grande em terras de Portugal, tornou-se ainda maior

no Brasil crescendo a sua complexidade de sentimentos porque nós, brasileiros, temos saudades não só dos bens que já se passaram, não só dos bens que ainda estão por passar, mas chegamos ao cúmulo de sentir saudades até das saudades que já tivemos segundo aqueles versos de Castro Neri:

“Feliz de ti que, junto dos bens terrenos,  
tão só na terra viste carrascais  
e na taça do amor tão só venenos,

porque, experiente agora, quando cais,  
tens da esperança uma esperança menos  
e da saudade uma saudade mais!”